

FHC

MINO CARTA

Horas de espanto

Contatos com Fernando Henrique, atuais e pregressos

Abro a tevê e encaro o homem do destino. Diz: "Quem não pensa como eu é um idiota". Botei a frase entre aspas e errei. Não foi isso que ele disse. Não acusou quem quer que seja — eu, inclusive — de idiota. Limitou-se a dividir a humanidade, simplesmente, entre quem está na mão da história (perdão, História) e quem está na contramão. Aqueles que não aprovam em bloco a política econômica do governo, andam na contramão. Não perceberam que o Real é a modernidade e que o resto é conversa. Na expressão do homem do destino, entre o desdém e a compaixão, li o seguinte: crítico do Real é derrotista, catastrofista, mau brasileiro. E, sobretudo, um coitado cheio de amargura e ressentimento que não entendeu coisa alguma. Trafega na névoa como pesqueiro islandês em noite de inverno.

Fiquei de gelo. Tenho medo dos homens do destino. Eles parecem alimentar-se exclusivamente de certezas — e convicções avassaladoras não costumam dar bons resultados. Ou, pelo menos, resultados afinados com as próprias convicções. Lembro o conto de um escritor inglês deste século que descreve a aventura trágica de um pastor empenhado em perseguir uma prostituta a pretexto de colocá-la no bom caminho. No fim, apaixonou-se pela senhora em questão e rola na lama. Claro que o pastor daquele escritor não figura na categoria

aquela agressividade oposicionista que se esperava do acima assinado. E que falar de uma reportagem sobre a Fiat que estava se instalando no Brasil, estranho texto da edição número um da revista, aparentemente enclinado a considerar a operação com alguma simpatia? Comecei numa boa, tentando pegar os companheiros do jantar pela mão para levá-los até os bastidores de *IstoÉ*. Sem êxito. Na hora do café revoamos para a sala de estar e lá a inquisição continuou. Mas por que isso, por que aquilo? Bem postos na vida, todos de emprego garantido e plenamente satisfeitos com a qualidade e quantidade do bobó de camarão, eles me empurravam inexoravelmente para a poltrona do réu. Antes de afundar na armadilha macia, saltei de pé e parti para a ignorância.

A turmeta era impertinente e arrogante nem mais nem menos que outros donos do poder menos hipócritas. Cobravam com a veemência da alma limpa, algo tão típico desta classe alta que se finge uma coisa e é outra, em tudo e por tudo, na política e no pretense requinte intelectual. Do fundo da minha origem genovesa, extraí o túrpilóquio mais icástico, o palavreado mais obscuro de que jamais havia sido e jamais serei capaz e o vomitei sobre aquele bando. Enfim, derramei sobre eles todos os xingamentos mais elaborados e mais grosseiros sem dar a eles a mais

dos homens de destino. No caso, pensei mais no destino das convicções graníticas: as vezes não são de pedra. Quanto aos homens do destino propriamente ditos, houve vários de arrebimbar o malho em todos os tempos e invariavelmente afundaram com o seu barco. Recuso-me a crer, de todo modo, que Fernan-

do Henrique figure neste rol, mesmo quando define a mim e outros da minha espécie como cavernícolas contemporâneos porque enxergamos uns tantos defeitos no Real.

Nestes momentos me toma alguma perplexidade. Recordo outras épocas de Fernando Henrique e me pergunto se quem estou vendo é ele mesmo. Recordo, por exemplo, uma noite de junho de 1976. Eu era convidado de honra ao jantar promovido por um pessoal que se dizia de esquerda. Depois de ter dirigido anos a fio uma revista censurada pelo regime militar, eu tinha perdido o posto porque o dono da publicação cedera às pressões de um certo ministro Falcão. Aí o tal pessoal dito de esquerda — esquerda chique — me ofereceu bobó de camarão e à mesa também sentou-se Fernando Henrique.

Foi uma noite inovidável e logo explico por que, sem antes uma pequena digressão. Lançada pela *Editora Três*, cujos sócios eram meu irmão Luís e Domingo Alzugaray, acabava de nascer *IstoÉ* como mensal anódino e inodoro. "Nada de política, pelo amor de Deus", haviam recomendado em coro Luís e Domingo. Eles não queriam saber de censura, ainda que estivessem preocupados com a minha sobrevivência. Um ano depois *IstoÉ* viraria um semanário de informação, com peremptória definição política, mas naquele momento recomendavam-se cautela e caldo de galinha (não há aqui qualquer intenção de contestar a excelente feitura daquele bobó de camarão). Chego ao ponto. Pescando camarões no caldo espesso, fui percebendo que era alvo de uma homenagem bastante peculiar.

Comecei a ser questionado pelos comensais. *IstoÉ* não tinha aquele *punch*, aquele empuxe,

Fernando Henrique virou homem do destino. Se não prosseguir na presidência até 2002 o Brasil vai a pique

ainda chance de revide. Afoguei-os numa enxurrada de expressões nascidas do calão trivial mas enriquecidas por momentos e fantasias inventadas e desenvolvidas na hora. Olhavam-me entre o pavor e o espanto, como se eu tivesse três cabeças.

Disse acima da minha origem, genovesa. De fato é um detalhe importan-

te. O palavrão, em Genova ganha uma originalidade e, uma independência únicas. Por exemplo. Gravíssima ofensa é *bulachin de m...svissera*, bule cheio m... suíça, obviamente uma m... metida a besta, ou *arzilla de loghi*, algo assim como um singular mariscão crescido sobre os ladrilhos de um banheiro público. Soltei ós cachorros e finalmente virei as costas para um batalhão de olhos arregalados e me mandei.

Lembro-me do comportamento de Fernando Henrique. Eles se retirou para um canto da sala, em grave silêncio, como se quisesse deixar clara a sua desaprovação à cobrança, depois de ter dito "parem com isso, deixem o homem em paz". Poderia ter sido mais incisivo, mas ali ele era o melhor. Lembro também outra noite, de 1978, em que fomos convidados na casa de um estranho americano casado com uma pintora portuguesa. Ela gostava de retratar o marido nu em pêlo. Jantamos à sombra de uma tela de respeitáveis dimensões, a qual o colhia em pose amena exibindo seus atributos. O cavaleiro atuava, obviamente, nas imediações da Embaixada dos Estados Unidos, sem função muito definida, e quando o jantar terminou Fernando Henrique me deu uma cârona no seu fusquinha, levemente asmático. No caminho da volta, a gente se perguntou se o nosso anfitrião trabalharia para a CIA e rimos muito ao comentar o exuberante retrato pendurado na sala de jantar.

Agora Fernando Henrique virou homem do destino. Me dizem que se não prosseguir na presidência até 2002 o Brasil vai a pique. Ou ele, ou o caos. É a minha hora do espanto. A pose dele, de taumaturgo, e toda esta fé que lhe brota em torno, não casam com outros tempos, quando havia mais espaço para uma certa graça.